

A PESQUISA EM ESTUDOS DE GÊNEROS: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA

Antonio Artur Silva Cantuário (UFPI)
antonioartursilvacantuario@hotmail.com

RESUMO: O quadro sociorretórico de pesquisas vinculadas aos estudos de gêneros, no Brasil, geralmente está relacionado ao modelo de movimentos e passos retóricos (SWALES, 1990). Estudiosos como Miller (2009), Bazerman (2006) e Devitt (2004) têm importante contribuição para a teoria retórica de gêneros, nos fundamentos teóricos que subsidiam metodologicamente o modelo de Swales (1990). Contudo, os autores citados, ainda que reunidos sob o termo sociorretórico, apresentam concepções sobre gêneros, atribuindo-lhes ênfase metodológica diferente, este, numa perspectiva explícita, aqueles, numa análise mais etnográfica do ponto de vista da relação linguagem e sociedade. Tencionamos apresentar uma proposta metodológica que, partindo da noção de gênero como ação social, contribua para uma análise mais etnográfica, discursiva e retórica, considerando a intrínseca relação entre gêneros e contextos. A proposta elaborada parte do método de estudos de caso (YIN, 2001), da etnografia linguística enquanto abordagem teórico-analítica (LILLIS, 2008) e dos estudos de Letramentos acadêmicos, com destaque para a utilização das narrativas e entrevistas em etapas. A proposta considera que é preciso compreender não só a dimensão linguística subjacente aos gêneros em disciplinas, como também os letramentos que envolvem essas práticas, a indexicalidade desses textos em gêneros e suas implicações para as conversas em torno texto. Contribuirá também para uma análise menos descritiva e mais explicitativa, ampliando possibilidades de metodologia em estudos cujo objeto são os gêneros em seus ambientes concretos de uso.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de gêneros. Letramentos acadêmicos. Métodos de pesquisa.

1 INTRODUÇÃO

O estudo de gêneros figura na tradição de pesquisa muito antes da própria linguística se estabelecer como ciência. Contudo ainda é atual e anda “na moda” estudar gêneros como enfatiza Marcuschi (2008) ao afirmar que o estudo de gêneros não é novo, mas tem sido bastante explorado.

No contexto atual, sobretudo o brasileiro, a relação entre teorias e propostas pedagógicas para o ensino de língua materna tem contribuído para uma espécie de abraqueiramento dessas abordagens, no sentido de dialogá-las. Bezerra (2017), por exemplo, questiona se já não podemos falar em uma tradição brasileira de estudos

de gêneros. Talvez sim, talvez não. No quadro das pesquisas prévias realizadas, a perspectiva swalesiana e os estudos sociointeracionistas despontam como os setores onde mais trabalhos científicos com gêneros têm sido realizados por estudiosos brasileiros por duas justificativas: a) elaborar quadros retóricos que permitam compreender áreas específicas e, por sua vez, contribuir para um ensino explícito de gêneros com ênfase na ajuda aos recém-chegados a essas comunidades de prática; b) propor abordagens pedagógicas para o ensino básico, sobretudo porque no caso do Sociointeracionismo já se apresenta essa sugestões nos documentos oficiais da educação brasileira.

Todavia parece-nos adequado questionar, por exemplo, o motivo pelo qual ao longo do tempo as teorias reduziram-se em si mesmas, evitando reconhecer suas próprias limitações, ou pelo menos aqueles que delas fizeram uso. Lillis (2008), ao descrever as abordagens etnográficas de estudo, busca mostrar contributos e limitações de algumas perspectivas teóricas entre as quais faz menção ao formalismo da proposta de movimentos e passos retóricos de Swales (1990). Tal crítica a essa proposta reside no caráter metodológico de utilização das entrevistas como apêndice da pesquisa, limitando e ao mesmo tempo gerando uma lacuna entre texto e contexto.

Em parte, concordamos com a autora, para quem as entrevistas ainda são vistas como instrumento secundário da pesquisa e não associadas a outros instrumentos para investigar o contexto social de modo mais profundo. Por outro lado, reconhecemos que a proposta de Swales (1990) vem ao longo dos anos passando por reformulações das quais o próprio fundador delas faz uso nos estudos atuais.

Não nos ocuparemos, por ora, desta discussão tendo em vista nosso objetivo central. Muito mais no sentido de nos somarmos a esses trabalhos e menos em criticá-los, vislumbramos aqui apresentar uma proposta metodológica de estudo de caso que, orientada pelos Estudos Retóricos de Gêneros (ERG) (MILLER, 2009; BAZERMAN, 2006), busca conectar-se como a tradição de estudos de Letramentos acadêmicos (LEA; STREET, 1998) e da Etnografia Linguística (RAMPTON, 2004) para nos aproximarmos daquilo que sugeriu Lillis (2008): relacionar texto e contexto e diminuir a ponte que se faz entre eles nos trabalhos linguísticos.

Por isso consideramos adequado não só apresentar como também contribuir de forma significativa para pesquisas posteriores, tendo-se a possibilidade de sugerir

uma proposta metodológica ainda em andamento. Além disso, poderá fomentar uma discussão sobre a metodologia em estudos de gêneros como forma de mostrar a diversidade de instrumentos metodológicos amplamente utilizados e seguros em seu rigor metodológico.

A linguagem selecionada tem natureza metametodológica e, para ser coerente com o que se pretende, organizamos o trabalho da seguinte maneira: na seção 2, apresentamos os pressupostos teóricos que sustentam e ancoram a perspectiva teórico-metodológica da pesquisa; na seção 3, a natureza metodológica pesquisa; na seção 4, a proposta metodológica, que não se confunde com a seção anterior, pois ao espaço ritualmente oferecido às análises sugerimos o percurso metodológico do qual temos feito uso, portanto designado metametodológico; por fim, as considerações por enquanto e referências.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A pesquisa sobre gêneros tem se tornado trivial, sobretudo porque estudiosos na área concordam que todo trabalho envolvendo os gêneros em suas práticas sociais conferem grau de relevância aos estudos da linguagem. Nesse sentido, unimo-nos aos diversos trabalhos que visam estabelecer diálogos e investigações entre gêneros, seus contextos e os produtores que por meio deles organizam e ao mesmo tempo são organizados em práticas situadas de uso da língua para ampliar e aprofundar o debate em torno dessas práticas languageiras. Precisamente neste trabalho, ancoramo-nos nos pressupostos dos Estudos Retóricos de Gêneros (ERG), nas abordagens dos Letramentos, bem como das propostas da Etnografia linguística enquanto concepção teórico-analítica.

Entendemos que estudar gêneros é muito mais que apresentar sua descrição linguística ou oferecer quadros textográficos sem qualquer relação com o dizer daqueles que o produziram, isto é, os gêneros em uso efetivo. No bojo do ERG, por exemplo, os gêneros são a) as próprias ações sociais materializadas nos usos da linguagem, b) as formas que organizam e são ao mesmo tempo organizadas por seus contextos de uso, sempre em sintonia com o tempo e o lugar onde são demandadas e c) os meios pelos quais pessoas interagem, ressignificam e constroem suas realidades conforme objetivos comunicativos socialmente construídos (MILLER, 2009; BAZERMAN, 2006).

Para o estudo dos Letramentos, as considerações que se fazem no ERG são pertinentes no sentido de delinearem uma concepção de gênero muito diferente da que se prega em manuais, cartilhas e até nos próprios espaços de ensino, que tradicionalmente organizam gêneros em torno de formas muito bem definidas, padronizadas e com regulagem de seu uso bem demarcada em relação a outros gêneros. No uso, não é isso que se observa. Lea e Street (1998), por exemplo, postularam, ao estudar o contexto dos letramentos acadêmicos, que os modelos dominantes pouco colaboram para que os sujeitos compreendessem como e por quais meios poderiam executar determinadas ações de modo crítico e ideologicamente situado.

Defende os autores que os gêneros são importantes, não por sua estrutura ou forma, mas pelas possibilidades que oferecem aos indivíduos de refletirem criticamente e agirem de forma eficiente nos contextos em que precisam se mover. Em vista disso, a Etnografia no quadro desses trabalhos tem se tornado urgente uma vez que guarda semelhanças com o ERG e com os estudos de letramentos o fato de levar em conta que práticas valorizadas por uma comunidade, que técnicas e meios podem, por meio da linguagem, tornar efetivas as ações desses membros. Em outras palavras, entendem como a linguagem é significativa em determinadas situações recorrentes e o que elas dizem não só sobre a forma como são mobilizadas, mas também que ações, valores e crenças são recuperados de determinados espaços sociais relevantes para seus usuários.

Assim, podemos incluir o papel fundamental dos gêneros quando realizamos ações sociais recorrentes a partir do valor que a própria prática vivida e executada por uma comunidade cria em torno das formas com as quais se apropria para agir socialmente via linguagem. É no esteio dessa concepção que, nas seções seguintes apresentaremos, a partir de um modelo metodológico de estudo de caso ainda em andamento, uma proposta metodológica através do contingenciamento dos Estudos Retóricos de Gêneros, dos Letramentos e da Etnografia linguística amplamente fomentada pelos linguistas aplicados.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, pontuamos notas breves sobre a caracterização da pesquisa. Breve porque o trabalho se delimita como metametodológico (CANTUÁRIO, 2020),

isto é, oferece a partir da própria metodologia utilizada uma proposta metodológica de aplicação em pesquisas que lidam com práticas sociais, gêneros e linguagem. Trata-se de um estudo de caso (YIN, 2001) com ênfase em dados processuais ainda em andamento. Tem caráter etnográfico, pois busca na e pela linguagem uma compreensão sobre os modos de agir dos sujeitos em contexto específico e como se materializam linguisticamente na construção do gênero.

A proposta não tem natureza essencialmente textográfica (SWALES, 1990) e nem busca parâmetros estatísticos para situar sua análise, ao entender que nem todo estudo de gênero é, estritamente, centrado na noção de recorrência como sinônimo de valor estatístico. Portanto, o estudo guarda a essência predominantemente qualitativa, descritiva, interpretativa e crítica. E, para o objetivo que se delinea neste artigo, não há qualquer caráter prescritivo, isto é, o que será apresentado na seção próxima são possibilidades que, por meio da realidade vislumbrada pelo autor, poderão oferecer não só dados coletados de uma realidade, mas também gera-los à luz das tessituras teórico-metodológicas no campo da análise de gêneros e no quadro da linguística aplicada.

4 NOTAS SOBRE A (META)METODOLOGIA DE PESQUISA

Iniciamos esta seção ressaltando que se trata de um trabalho em andamento, por isso ainda sujeito a alterações em base metodológica, o que não significa um problema, mas um ponto de reflexão sobre a própria pesquisa etnográfica. Por se tratar de um estudo de caso, endossamos o trabalho qualitativo com ênfase numa abordagem que busca não só responder a problemas, mas também investigar as raízes e possíveis causas que delinham a realidade investigada, isto é, a situação de interação de produção de projeto de pesquisa na relação orientador-orientando.

O estudo de caso é, segundo Yin (2001), um método cujo enfoque do problema está no como e no por que as coisas se organizam e se apresentam como são. Em geral, busca-se delimitar uma realidade, no que podemos chamar de casos, isto é, os participantes e os fenômenos observáveis pelo pesquisador. Há casos particulares como também há pesquisas que focalizam mais de um caso, podendo ser chamada de pesquisa de múltiplos casos. A escolha por uma ou por outra dependerá dos objetivos estabelecidos pelo estudioso e pela natureza qualitativa,

quantitativa ou quanti-qualitativa. Geralmente, estudos que inserem variáveis numéricas tendem a optar pela pesquisa de múltiplos casos.

Optamos também pela Etnografia linguística como abordagem teórico-metodológica por guardar semelhanças tanto com os estudos de caso como também com os estudos de gêneros na vertente dos letramentos. Rampton (2004) confere ao trabalho etnográfico no quadro da linguística a possibilidade de compreender como a linguagem em suas diferentes formas de se apresentar possibilita uma comunidade, por meio de suas práticas, organizar e definir quais meios são adequados e por que são significativos para determinadas situações de interação. O intuito é entender o conhecimento gerado pela prática e ao mesmo tempo a prática mobilizada para a geração desses saberes partilhados via linguagem.

Para além dessa questão, mobilizamos, orientados por Lillis (2008), a história do texto como parte de um percurso metodológico vidrado na Etnografia da linguagem. Semelhante ao que fazem os estudiosos da Crítica Genética, os pesquisadores interessados nas conversas em torno do texto pretendem compreender, mapear e refletir sobre os processos linguísticos que envolveram a produção de um determinado texto. É como adotar a metáfora do *iceberg* para descrever o que pode ser visto e descobrir as profundezas do que está submerso ao emaranhado linguístico do texto.

Como texto e gêneros são diferentes em seus conceitos e interdependentes porque se supõe um ao outro, optamos por definir não só a história do texto como também a do gênero para incluir o papel fundamental dos sujeitos em suas práticas de linguagem. É por meio das ações sociais que os gêneros se desenvolvem em um contexto e é por meio dessas mesmas ações que se estabilizam em torno de propósitos previamente definidos e reconhecidos dentro de uma comunidade.

Nesse sentido, ao aproximarmos o estudo de caso, a Etnografia linguística e a história do texto/ do gênero, visamos uma pesquisa processual amparada não só no pressuposto da descrição e apresentação de um quadro textográfico que qualifique um determinado texto neste ou naquele gênero, mas também no propósito de ampliar essa discussão, conectando texto e contexto e direcionar uma análise focada no processo. Geralmente, a maioria das pesquisas que se delineiam contextuais aderem às entrevistas como instrumento para a coleta de dados que elucidem determinados fenômenos linguísticos. O que ocorre é um emprego desse

instrumento como apêndice da pesquisa centrado, sobretudo, no produto final. Não é bem esse o nosso propósito.

Ao buscarmos superar a visão redutora entre texto e contexto, tencionamos ainda utilizar outros instrumentais metodológicos empregados em pesquisas de natureza processual tais quais: as histórias de letramentos dos participantes, os diários de letramento, a história do texto por meio do mapeamento da situação criadora do texto e seus envolvidos e as entrevistas livres em diferentes fases da pesquisa, não somente ao final, nem apenas ao início. As histórias de letramentos, muito utilizadas em estudos de caso e trabalhos etnográficos, buscam gerar dados narrativos sobre a história de vida dos participantes ligadas aos diferentes contextos em que a escrita é requisitada como meio de participação, por exemplo, a escola, a universidade etc. A partir delas, é possível entender quais, como e por quais motivos os participantes lidam, interagem, dominam ou não determinadas práticas de letramentos, influenciando diretamente em seu modo atual de participação social.

Assim, para entender relações ideológicas, culturais, escolares e políticas no circuito das práticas letradas, muitos pesquisadores têm adotado a história de letramento baseada no que a metodologia das ciências sociais já previa quanto às pesquisas narrativas. Limitações: está sob total responsabilidade dos participantes o poder de informar dados de sua realidade, inclusive, omitindo-os ou deturpando-os, o que poderá gerar imprecisões nas informações cientificamente tratadas. Contudo, limitações não significam impedimento no sentido de desvalorizar a credibilidade da pesquisa, visto que o estudioso deve se apropriar do método para fazer interferências éticas que possam ajustar o processo de geração de dados.

E os diários de letramentos? Neste, o percurso que se faz é sempre para frente, isto é, os participantes registram, ao passo que lidam com práticas de leitura e escrita com objetivos definidos em torno de um texto e seu gênero, ações, meios, instrumentos e formas com as quais já interage para montar sua produção. Em outras palavras, é como juntar o quebra-cabeça, só que sempre sinalizando o que, por que e como as ações realizadas foram escolhidas em detrimento de outras. Notamos até aqui que toda a abordagem dos instrumentos metodológicos vai desenhando um percurso etnográfico focado nos significados da linguagem em um contexto, o que é compatível com a própria natureza do estudo de caso.

Dessa forma, a história do texto, do gênero, os registros em diários de letramentos, as histórias de letramentos e as conhecidas entrevistas entrecruzam-se

não só num percurso de coleta como também de geração de dados autênticos, que se estendem para a compreensão em outros trabalhos de outras realidades para além da estudada. Apresentamos como, em nosso caso, os estágios do estudo de caso, tendo em vista os suportes metodológicos apresentados e logo em seguida breves notas sobre cada etapa, quais sejam:

Estágio 1: identificação do problema, dos objetivos e da construção do projeto de pesquisa;

Estágio 2: orientações e questões éticas; submissão do projeto ao comitê de ética;

Estágio 3: da anuência dos participantes para sua realização em documentos recomendados pelo comitê de ética; o processo de preparação teórica e de geração de registros, subdivididos em microestágios:

Estágio 3.1: preparação teórica e levantamento de proposições analíticas;

Estágio 3.2: geração da história de letramentos dos participantes;

Estágio 3.3: As primeiras coletas dos gêneros envolvidos na produção do projeto, para mapear a história do gênero feita através do diário de letramento dos participantes mensalmente, anexando-se os documentos que nos possibilitem lê-los e analisá-los, sem qualquer identificação dos participantes. Esta etapa se repetirá, uma vez que a história do gênero só estará finalizada ao final do processo de elaboração dos projetos de pesquisa e estará presente em todas as etapas;

Estágio 3.4: primeira etapa de entrevistas (etapa 1): mapeamento sobre os processos iniciais da escrita do projeto e questionamentos ainda acerca da história de letramento dos participantes e aspectos sociais; possível observação participante das orientações;

Estágio 4: análise das primeiras versões do projeto, novamente, orientada pela história do gênero;

Estágio 5: entrevista (etapa 2), quando da escrita da fundamentação teórica e da metodologia: questões acerca das interações subjacentes à escrita dos projetos.

Estágio 6: análise de mais versões dos projetos, em processo, já em fase de finalização;

Estágio 7: entrevista (etapa 3), após entrega e apresentação dos projetos de pesquisa, com as devidas alterações feitas; análise dessa versão final dos projetos.

Estágio 8: testagem de afirmações analíticas.

Estágio 9: interpretação e reflexão sobre os registros.

Estágio 10: selecionar e organizar resultados; escrita do capítulo de análise.

Estágio 11: defesa de tese e publicação em periódico.

Importa-nos enfatizar que os estágios estão diretamente ligados aos objetivos específicos da pesquisa. Em outras palavras, os objetivos desenham e constituem ao mesmo tempo o percurso metodológico com o qual o pesquisador guiará a coleta e as análises. Importa também destacar que os estágios são flexíveis, passíveis de mudanças, o que não inviabiliza os objetivos específicos previamente postos. Dessa forma, nos estudos de caso os estágios são ações ainda mais detalhadas que os objetivos específicos, por vezes, subdivisões destes que desencadeiam uma segmentação mais apurada, detalhista e metódica.

No âmbito das análises, os próprios estágios constituem objeto de reflexão pelo pesquisador quando não atingidos, cumpridos ou viabilizados pelos participantes ou circunstâncias externas à própria pesquisa. Por exemplo, as observações participantes, a depender do contexto, do perfil dos participantes e de sua finalidade poderão não ser realizadas ainda que constem em um dos estágios. Os participantes, em termos éticos, podem optar por não contribuírem com essa etapa. Outros possíveis problemas também podem surgir desde a coleta de dados por entrevistas ou mapeamentos por meio de diários e métodos narrativos.

Portanto, é uma possibilidade de pesquisa que envia dados de natureza subjetiva, qualitativa e descritiva que, à luz de um determinado amparo teórico, orientam uma percepção do pesquisador em razão de diferentes fatores, em nosso caso, os contextos de onde emergem práticas, saberes, crenças e o que revelam sobre as práticas desencadeadas por meio de gêneros através das ações dos participantes. Talvez esta não seja uma pesquisa que fornecerá as respostas que os postulados de uma teoria preveem ou que o pesquisar em sua expectativa prevê, mas gerará outros problemas, tensões e questionamentos sobre a realidade posta e a sensibilização da própria teoria mobilizada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sugerimos aqui a proposta de uma pesquisa fincada no método estudo de caso com apoio dos estudos de letramentos e do ERG. A partir dos estágios apresentados, vimos que a natureza desse tipo de estudo é flexível, reflexiva e analítica. Vimos também que a materialidade da linguística é o fio que inicia e ao

mesmo tempo encerra o ciclo das análises, pois por meio dela se desvelam as ações humanas circunscrita nas práticas sociais e estas organizadas em gêneros.

A natureza do teórico do estudo não inviabiliza o questionamento à própria teoria, colocando o pesquisador em uma posição desromantizada em relação à teoria com a qual dialoga para elucidar um debate coerente e alinhado com a realidade que se observa. O enfoque dado tanto aos acontecimentos da própria estruturação da pesquisa como do *corpus* construído exigem, nesse sentido, um pesquisador que busca conectar, relacionar e, dentro dos limites possíveis delas, cotejar conceitos e princípios necessários a uma compreensão sobre a linguagem.

Logo, é por meio dessa contribuição que lançamos o desafio e nos unimos a ele para ampliar as pesquisas em estudos de gênero como forma de não só compreender o dado linguístico-textual, mas a sua natureza primeira, ou seja, as relações sociais possibilidades na e pela linguagem.

REFERÊNCIAS

BAZERMAN, Charles. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss. (Orgs.). **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2006.

BEZERRA, B. **Gêneros no contexto brasileiro**: questões (meta)teóricas e conceituais. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

CANTUÁRIO, A. A. S. **Metagêneros**: uma análise de tutoriais de YouTube sobre a produção de trabalho de conclusão de curso-TCC. 2020. 210f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2020.

DEVITT, Amy J. **Writing genres**. Southern Illinois University Press, 2004. 268 p.

LEA, Mary R.; STREET, Brian V. Student writing in higher education: an academic literacies approach. *Studies in higher education*, v. 23, n. 2, p. 157-172, jun. 1998.

LILLIS, Theresa. Ethnography as Method, Methodology, and "Deep Theorizing": Closing the Gap Between Text and Context in Academic Writing Research. **Written Communication**; p. 25;353, 2008. Acesso: <http://wcx.sagepub.com/cgi/content/abstract/25/3/353>

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MILLER, Carolyn. Gênero como ação social. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss. (Org.). **Estudos sobre**: gênero textual, agência e tecnologia. Recife: Ed. Universidade da UFPE, 2009.

RAMPTON, Ben; TUSTING, Karin; MAYBIN, Janet; BARWELL, Richard; CREESE, Angela & LYTRA, Vally. **UK Linguistic Ethnography: A Discussion Paper**, Unpublished, www.ling-ethnog.org.uk, pp. 01-24, 2004.

SWALES, J. **Genre analysis**: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e método. Tradução de Daniel Grassi. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.